

A TEORIA DA COMUNICAÇÃO E O ENSINO UMA ABORDAGEM PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Karina Torres Machado
(UFMS)

Eunice Prudenciano de Souza
(IFSP)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Eunice Prudenciano de Souza concluiu estágio de pós-doutoramento na UFMS/CPTL (2014-2019), onde atuou como professora na graduação e no PPG-Letras Mestrado e Doutorado. Doutora (2010) e Mestre (2004) em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara, onde se graduou em Letras – em 2001. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Superior privado e no Ensino Fundamental e Médio de colégios públicos e privados. Atualmente, é professora efetiva do IFSP, área de Letras, campus de Boituva, e integrante do Grupo de Pesquisa Literatura e vida, vinculado à UFMS, Campus de Três Lagoas. Parecerista de diversas revistas. Tem interesse nas seguintes áreas: Língua e Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura na sala de aula, Formação do leitor e Teorias do Conto. E-mail: euniceprus@gmail.com</p> <p>Karina Torres Machado é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Bolsista pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do Mato Grosso do Sul - FUNDECT. E-mail: ka_torresm@yahoo.com.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente artigo visa apresentar uma alternativa metodológica de ensino que entrelace a Teoria da Comunicação, de Roman Jakobson, aos tipos e gêneros textuais, com vistas a uma escolarização mais efetiva do texto literário. Embasado pela teoria comunicativa de Roman Jakobson, utilizando as ideias sobre ensino de literatura de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993) e da tipologia e dos gêneros textuais de Luiz Antônio Marcuschi (2008), apresentamos uma prática de ensino que relaciona a intencionalidade comunicativa, presente nos mais variados textos que circulam na sociedade, à leitura interpretativa do poema “O caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, com vistas a formação de leitores. Dessa maneira, a alternativa metodológica delineada parte de um trabalho de investigação das intencionalidades comunicativas do texto literário, com objetivos previamente definidos e discutidos, para a construção coletiva e expositiva dos conhecimentos apreendidos por meio da leitura literária, expostos na produção de diferentes gêneros textuais.</p>	<p>This article aims at presenting a teaching methodological alternative that intertwines Roman Jakobson’s Communication Theory, with textual types and genres, with a view to more effective schooling of the literary text. Based on the communicative theory of Roman Jakobson, using the ideas about teaching literature by Maria da Glória Bordini and Vera Teixeira de Aguiar (1993) and the typology and textual genres of Luiz Antônio Marcuschi (2008), we present a teaching practice that relates communicative intentionality, present in the most varied texts that circulate in society, to the interpretative reading of the narrative poem “O caso do vestido”, by Carlos Drummond de Andrade, aiming at the formation of readers. In this way, the methodological alternative outlined starts from an investigation of the communicative intentions of the literary text, with previously defined and discussed objectives, for the collective and expository construction of knowledge learned through literary reading, exposed in the production of different textual genres.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ensino-Aprendizagem; Formação de leitores; Literatura; Teoria da Comunicação.	Teaching-Learning; Reader training; Literature; Communication theory.

INTRODUÇÃO

Toda comunicação tem por finalidade imediata alterar, de algum modo, as relações que mantemos ou queremos estabelecer com os demais indivíduos da nossa espécie, seja transmitindo-lhe a nossa experiência, seja buscando a sua para completar a nossa deficiência (Beltrão, 1982, p. 57).

O presente artigo visa apresentar uma alternativa metodológica de ensino que entrelace a Teoria da Comunicação, de Roman Jakobson, aos tipos e aos gêneros textuais, com vistas a uma escolarização mais efetiva do texto literário, a partir do poema narrativo “O caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade. Embasado pela teoria comunicativa de Jakobson e utilizando as ideias sobre ensino de literatura de Bordini e Aguiar (1993), buscamos propiciar momentos de questionamento da intencionalidade comunicativa presente nos mais variados textos que circulam na sociedade. Para isso, pautamo-nos na discussão das tipologias e dos gêneros textuais e literários de Marcuschi (2008) para aprofundar uma das habilidades cobradas em sala de aula: o reconhecimento das diferentes formas de se tratar uma informação na comparação de textos que dialogam sobre o mesmo tema, a partir das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

A alternativa metodológica proposta constitui-se ferramenta capaz de levar o estudante a compreender a intencionalidade comunicativa presentes nos textos para analisar/produzir diferentes gêneros textuais. Objetiva-se, com essa ação, ampliar a competência leitora dos aprendizes, fazendo do ato da leitura literária uma atividade mais real, mais ampla e interessante, por ser um espaço de aprendizagens aos estudantes, dado que contém em seu cerne um trabalho de investigação, com objetivos previamente definidos e discutidos, que fazem da sala de aula um laboratório e, da literatura, um universo a ser desbravado.

A atitude transformadora proporcionada pelo texto literário contribui para que o estudante, além da experiência estética advinda da leitura literária, tenha, na medida em que avança em sua formação leitora, uma consciência cada vez mais ampla sobre a linguagem; tornando-o, futuramente, mais apto para a percepção das intenções comunicativas existentes em todo e qualquer gênero textual, literário ou não. As experiências em sala de aula têm demonstrado que quem lê bem uma notícia, pode encontrar dificuldades na leitura de um texto literário. Mas, geralmente, quem lê bem um texto literário, lê bem qualquer outro tipo de texto.

O trabalho com o texto literário, de forma planejada e efetiva, colabora para uma postura ativa e consciente do aprendiz no que tange à compreensão da estruturação da língua como organismo vivo e mutável e, conseqüentemente, capacita-o para se colocar socialmente, vencendo a opressão dominante ao se colocar como cidadão atuante com o

poder de seu discurso.

A inserção e o trabalho com o texto literário de maneira escolarizada – de forma a vencer a fragmentação e o sucateamento da leitura literária no contexto educacional – possibilitam ao aluno analisar e projetar mensagens como produtos codificados. Nesse sentido, uma das referências teóricas que o professor pode utilizar em sua prática, para atingir objetivos educativos mais efetivos, é a teoria da comunicação, elaborada por Roman Jakobson, principalmente, as reflexões acerca das funções da linguagem, criada no Círculo Linguístico de Praga.

O modelo comunicacional elaborado em meados do século XX pelo linguísta russo é considerado, ainda hoje, como um dos mais importantes em relação ao entendimento do processo de comunicação. Segundo o linguísta (2010), a comunicação opera em três níveis diferentes: troca de mensagens, troca de utilidades (bens e serviços) e troca de companheiros e, para ser completa, deve ter “um codificador e um decodificador. O decodificador recebe uma mensagem. Conhece o código. A mensagem é nova para ele e, por via do código, ele a interpreta” (Jakobson, 2010, p. 23).

Roman Jakobson partilhando do conhecimento de que toda comunicação é composta por mensagens e de que estas cumprem objetivos a partir de sua estrutura e organização na tessitura textual, nomeia seis funções da linguagem, relacionando-as a elementos gramaticais a fim de analisar as mensagens verbais e os códigos subjacentes a elas. Dessa maneira, o autor aprofundou a classificação feita por Bühler e definiu o processo comunicativo a partir do seguinte esquema:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou ‘referente’, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação (Jakobson, 2010, p. 122-123).

Jakobson concluiu que uma mensagem pode apresentar mais de uma função de linguagem; no entanto, sua intenção comunicativa organiza-se pela função predominante embora distingamos:

seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (Jakobson, 2010, p. 157).

Para que o aluno se comunique de forma efetiva, precisa ser capaz de conhecer as

regras básicas do idioma e ir além, tornar-se um enunciador e interlocutor competente, capaz de se apropriar, interpretar e gerar novos enunciados e, assim, utilizar a língua de forma adequada para gerar trocas comunicativas eficientes, uma vez que entende e produz novas mensagens. Segundo Bakhtin, “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também, e sobretudo, por sua construção composicional” (1997, p. 280). Sendo assim, todas as atividades vividas dentro e fora da escola pressupõem a capacidade linguística do estudante de compreender e gerar mensagens que signifiquem e promovam uma progressão comunicativa pela interação. Para isso, conhecer as seis funções da linguagem e saber arquitetá-las na produção de seus enunciados projeta-se, no contexto educacional, como uma alternativa de ensino-aprendizagem promissora, dado que possibilita ao sujeito enunciador impor-se como dominante e não como dominado pelos discursos alheios.

Para que esse cenário tenha lugar e função dentro da sala de aula, cabe ao professor ser o mediador do protagonismo de seus alunos, com atividades motivacionais, partindo da necessidade real vivida pela turma e intrinsecamente conectada ao conteúdo. Tais atividades devem ser planejadas e organizadas com objetivos previamente definidos e aceitos pelos sujeitos envolvidos, com discursos que evidenciem, nos mais diversos gêneros textuais, seus anseios e alegrias, com textos adequados a sua faixa etária e compostos de temáticas que os atraiam a um diálogo profícuo e transformador.

Nesse contexto, a seleção do texto literário, como ponto de partida para ampliação das noções de gêneros textuais dos aprendizes, promoverá a criação e a percepção de novas realidades, uma vez que “criar é expandir a personalidade e as formas de comunicação da vida social” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 65) e, a aula planejada por meio dos textos literários previamente selecionados abordará o ato de ler como:

instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, a cultura e o processo de trabalho, uma vez que trata de um discurso que fala da vida, encarando-a sempre de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade de faces (Yunes; Pondé, 1988, p. 10).

E mais, possibilitará ao estudante saber que ler enunciados e criar diálogos é ter “acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que se vive” (Cosson, 2014, p. 33).

1 DAS FUNÇÕES DA LINGUAGEM À COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

O homem utiliza a linguagem para se comunicar, fazendo com que ela seja sinônimo de interação e de coesão social. A linguagem é viva porque é orientada para o outro com o qual entra em interação. Por meio da linguagem, o enunciador (emissor) imprime, pela seleção e pelo uso de palavras, uma direção argumentativa a seu texto, indicando como o enunciatário (receptor) deve/pode entendê-lo.

A comunicação confunde-se com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar (Bordenave, 1986, p. 17-19).

A partir de uma situação de comunicação, caberá ao emissor escolher, entre as possibilidades que os códigos colocam à sua disposição, os enunciados que melhor se ajustem aos seus propósitos interacionais. O destinatário/receptor vê, ouve, lê a mensagem/texto, traduz os códigos (decodifica), entende e interpreta. É importante enfatizar que é o emissor quem vai determinar a escolha de palavras e de todos os outros recursos organizacionais da mensagem de que vai se utilizar tendo em vista o seu receptor, pois uma das características fundamentais da linguagem é o dialogismo, a interação. No entanto, a comunicação é um processo que exige determinados fatores, isto é, elementos mínimos para poder realizar-se.

Para Roman Jakobson, todo ato comunicativo passa por um emissor (remetente) que enviará a alguém (destinatário) por meio de um sistema de signos (código) e de um veículo de comunicação (canal), a partir de uma temática comum (contexto), aquilo que deseja transmitir (mensagem). Partindo desses seis elementos, Roman Jakobson elaborou estudos acerca das funções da linguagem, muito úteis para a análise e produção de textos. Cada elemento comunicacional é pensado e estruturado a fim de alcançar o objetivo comunicativo, portanto, assume funções diferentes em determinados contextos. Segundo o linguista russo, em toda comunicação há uma intenção predominante por parte do emissor da mensagem. Essa intenção do emissor faz com que, nas mensagens (textos), cada elemento, que corresponde a uma das funções da linguagem, esteja mais enfatizado do que outros (a questão é de hierarquização das funções e não de exclusão).

A leitura e a produção de um determinado texto sempre estarão atreladas à intencionalidade/objetivo de seu remetente/produtor e a compreensão das funções da linguagem elencadas por Jakobson – emotiva, referencial, poética, metalinguística, fática e conativa – permite que o educando lide melhor com a circulação de textos na sociedade. Essas funções dificilmente aparecem sozinhas nos textos. Na maioria das vezes, ocorre uma hierarquização de funções. Sempre há a convivência de mais de uma função de

linguagem em um único texto. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim podemos identificar a finalidade principal do texto. Dessa maneira, nas situações de interação pela linguagem, cabe aos interlocutores perceberem a função predominante nos textos, o que equivale a reconhecer sua verdadeira intencionalidade.

Em *Literatura: a formação do leitor* (1993), Bordini e Aguiar trabalham com cinco métodos de ensino de literatura em sala de aula. Um deles, o comunicacional, é baseado na teoria de Jakobson. Os objetivos dessa alternativa metodológica, segundo as autoras, fazem parte de uma orientação literária desvestida da “carga de artificialidade que a natureza acadêmica da educação escolar lhe confere, ao mesmo tempo que, conscientizando o aluno do maior número possível de implicações dos jogos comunicativos nos textos, o capacitam a percebê-los e manejá-los em outras situações de comunicação extratexto” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 107). Com isso, o trabalho com a literatura é destituído de qualquer carga de artificialidade, ao mesmo tempo em que a leitura e a produção dos mais variados tipos de textos adquirem contornos mais significativos para os alunos.

Constituem-se etapas de desenvolvimento do método comunicacional, elaborado por Bordini e Aguiar, o contato com textos que comuniquem um fato individual ou social; a identificação dos elementos do jogo comunicativo; a análise das funções linguísticas expressas nos textos comunicativos; o exame das formas de manifestação da função predominante e o cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas.

A partir da relevância do trabalho, em sala de aula, com a teoria da comunicação e das noções acerca dos tipos e dos gêneros textuais e literários, idealizamos uma alternativa metodológica, baseados nas ideias de Bordini e Aguiar, para a inserção da leitura literária e da teoria da comunicação no Ensino Médio ou em cursos de Comunicação e Expressão. Para o desenvolvimento da respectiva proposta, utilizamos o poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, com o objetivo de provocar no aluno a percepção de que “as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado” (Brasil, 1997, p. 22). A utilização do método comunicacional como alternativa de ensino possibilita ao professor centrar seus interesses em um ensino menos instrumentalizado e desvestido de artificialidade, em que o aluno, protagonista, seja capaz de discriminar as diferenças textuais, suas particularidades e suas funções.

2 DAS TIPOLOGIAS AOS GÊNEROS TEXTUAIS

O uso do método comunicacional como abordagem metodológica para a ampliação de repertório linguístico, estilístico e artístico dos estudantes, interrelacionado à leitura literária do poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, requer, para além da concepção das funções da linguagem, uma compreensão dos conceitos de tipologia e gênero textual. Para isso, corroboramos o pressuposto defendido por Luiz Antônio Marcuschi, 2008, de que é impossível se comunicar sem a utilização de algum gênero textual, isso porque, segundo o autor “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (Marcuschi, 2008, p. 154).

Ademais, Marcuschi (2008) explicita que, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (Marcuschi, 2008, p. 154). Tal posicionamento, respalda-se na teoria de Bronckart, para quem “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (Bronckart, 1999, p. 03). Dessa maneira, os gêneros textuais se definem como:

textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi, 2008, p. 155).

Essa classificação, como reitera Bakhtin, ressalta as especificidades dos gêneros textuais como práticas sociais discursivas, dado que:

quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (Bakhtin, 2011, p. 285).

Nesse aspecto, Luiz Antônio Marcuschi (2008) argumenta ainda que a palavra gênero é cada vez mais utilizada e atualizada. Fato que confere aos gêneros um caráter multidisciplinar e a designação de forma de ação social, visto que “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (Marcuschi, 2008, p. 149).

O gênero, nessa concepção, passa a ser visto como modalidade discursiva, como entidade dinâmica que, envolta por realidade social e atividades humanas, transforma-se

em forma cultural representativa das particularidades da linguagem. De acordo com Marcuschi:

os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia (Marcuschi, 2008, p. 161).

Em contrapartida, a concepção de tipologia textual compreende o conjunto de categorias que designam tipos textuais, textos limitados e sem perspectiva de atualização, como menciona Marcuschi (2008). Desse modo, o tipo ou a tipologia textual implica em “uma espécie de construção teórica – em geral uma sequência subjacente aos textos – definida pela natureza linguística de sua composição – aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo” (Marcuschi, 2008, p. 154). Para Marcuschi, a tipologia textual está relacionada à sequência linguística e/ou retórica utilizada pelo enunciador e abrange as seguintes categorias: narração, argumentação (dissertação), exposição, descrição e injunção (prescrição).

Para Luiz Carlos Travaglia, a tipologia textual é identificada “e se caracteriza por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes” (Travaglia, 2018, p. 134). Em estudo sobre o tema, Silva (1999, p. 100-101) expõe que:

tipo textual é uma noção que remete ao funcionamento da constituição estrutural do texto, isto é, um texto, pertencente a um dado gênero discursivo, pode trazer na sua configuração vários tipos textuais como a narração, descrição, dissertação/argumentação e injunção, os quais confeccionam a tessitura do texto.

Assim, para o autor, a tipologia textual se relaciona aos “modos enunciativos de organização do discurso no texto, efetivados por operações textual discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude em relação ao seu objeto do dizer e ao seu interlocutor” (Silva, 1999, p. 101).

De posse de tais conhecimentos e apreensões, o docente é capaz de planejar trocas comunicativas e compartilhar as experiências de leitura literária enriquecedoras, uma vez que dispõe de uma intencionalidade comunicativa previamente definida que visa a objetivos estipulados, com o intuito de proporcionar aos alunos a elaboração de diversas tipologias textuais e aperfeiçoar sua competência comunicacional e social.

3 DO TEXTO LITERÁRIO À COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

A leitura literária atrelada à prática de alternativas metodológicas permite, ao professor, demonstrar que a literatura é uma manifestação de práticas sociais que corresponde à necessidade de representar o cotidiano e que seu ensino pode desenvolver no aluno o “ingresso ao mundo da ilusão que se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo” (Candido, 1995, p. 65). Dessa forma, é necessidade educacional que deve impor-se em uma sociedade que não preza a cultura do livro, que não dissemina o contato com a leitura literária e que não propicia ao aluno o contato com o texto literário.

O trabalho com a leitura, principalmente a literária, tem como finalidade a formação de leitores competentes e, posteriormente, a “formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras” (Brasil, 1997, p. 40). Nessa perspectiva, o aluno é visto como parte integrante do contexto social, devendo criar e desenvolver iniciativas para questionar e descobrir o meio do qual faz parte, baseado em uma concepção dialógica, que instaura os gêneros textuais como mediadores desta prática e o texto literário como “instrumento de integração do sujeito ao meio, [...] conduzindo-o a refletir sobre a realidade, posicionando-se criticamente diante da mesma” (Aguiar, 1982, p. 87).

A instituição escolar, nesse cenário, tem visivelmente marcada a necessidade de inserir a leitura literária nos contextos escolares, já que as criações ficcionais e poéticas também representam o mundo e a visão que a coletividade tem de si mesma. Alienar a literatura da vida escolar é alienar o patrimônio identitário de nós mesmos, como humanidade, uma vez que o aparelho escolar é, segundo Regina Zilberman, o “elemento de transformação que não pode ser negligenciado” (1982, p. 15) ou visto como “mecânico e estático” (1982, p. 16).

À escola cabe capacitar seus profissionais e estimulá-los a fornecer ao aluno práticas significativas de leitura literária que ampliem a imaginação e a possibilidade de criar novos horizontes de expectativas aos alunos, descobrindo, por meio deles, o prazer da leitura por privilegiar seu acesso aos bens culturais, possibilitando a apropriação da realidade e sua conseguinte emancipação. Assim, compete à instituição escolar conceber a leitura de literatura como modelo de desvelamento do mundo, preservando estas relações e dando sentido a elas “e, se a escola não pode absorvê-las por inteiro, igualmente não pode ser o lugar onde elas se rompem em definitivo, sob pena de arriscar sua missão e prejudicar, irremediavelmente, o ser humano a quem se diz servir” (Zilberman, 1982, p. 20).

Um ensino de literatura que abranja a prática docente, por meio do método comunicacional, centra-se na busca por desvendar outros elementos que fazem parte da construção significativa da narrativa, como a análise metalinguística, os objetivos fáticos, o seu teor referencial, o modo como os signos são dispostos, extrapolando, assim, a apreensão das ideias principais, da aquisição do vocabulário, da identificação historiográfica comumente observada no trabalho com o texto literário.

4 UMA PROPOSTA COMUNICACIONAL DE ENSINO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Neste artigo, ilustraremos uma proposta de ensino que preconize a teoria da comunicação, os tipos e os gêneros textuais, juntamente com o texto literário, para a apreensão das intencionalidades comunicativas e para o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos aprendizes, pois:

no que se refere às atividades de leitura, o trabalho de reflexão sobre a língua é importante por possibilitar a discussão sobre diferentes sentidos atribuídos aos textos e sobre os elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido. Propicia ainda a construção de um repertório de recursos linguísticos a ser utilizado na produção de textos (Brasil, 1997, p. 53).

Quando o aprendiz possui uma maior consciência sobre a dinâmica de circulação de textos nas mais variadas camadas da sociedade, acaba por se tornar um usuário mais competente. Na presente proposta, os elementos comunicacionais são dispostos para que o remetente consiga, por meio de motivação e intencionalidade comunicativa, interagir com os demais.

Essa motivação dá origem à intenção da mensagem e implica certas pressuposições que o remetente faz sobre o alvo a que visa: se o destinatário domina o código usado, se o tema é conhecido ou não, se vai necessitar de apelos para manter a atenção, se é receptivo ou avesso às suas intenções, etc. (Bordini; Aguiar, 1993, p. 106).

A inserção do poema narrativo “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado pela primeira vez em *Rosa do povo* (1945), representa uma proposta de ensino que complementa e amplia o trabalho com a tipologia narrativa, que se acentua a partir do 6º ano do ensino fundamental II, visando um ambiente de ensino-aprendizado em que as situações de aprendizagem são “orientadas por projetos de leitura e escrita, centradas em histórias, romances, contos, crônicas e outros gêneros de tipologia predominantemente narrativa” para que os estudantes consigam “reconhecer o processo de composição textual como um conjunto de ações interligadas; reconhecer no texto

indícios de intencionalidade do autor; posicionar-se como agente de ações que contribuem para sua formação como leitor, escritor e ator em uma dada realidade” (2011, p. 53), como propõe a Matriz Curricular do Estado de São Paulo.

Assim, levando-se em consideração que os educandos já foram colocados em contato com a tipologia narrativa nos anos iniciais do Fundamental e com objetivo previamente definido de que o texto literário marque presença no espaço escolar e, a partir dele, ampliar o trabalho acerca das funções e finalidade de textos variados, optamos pelo poema narrativo “Caso do vestido”. O poema pareceu-nos adequado pela possibilidade de ampliação dos horizontes de expectativas dos educandos por abordar a tipologia narrativa sob outra perspectiva e por possibilitar a manipulação da função comunicativa da linguagem, ao mesmo tempo em que permitiria a observação das intenções comunicativas imbricadas e subentendidas nas futuras produções textuais dos alunos.

A narrativa do poema “Caso do Vestido” coloca em cena o diálogo de mãe e filhas a partir do questionamento destas acerca de um vestido pendurado na parede. A mãe, então, lhes explica que pertencera a uma mulher pela qual o marido/pai se apaixonara, abandonando a família. A leitura chama a atenção pelas relações de poder que existem na tessitura do poema – homem/mulher; mãe/filhas – relações significativas na estrutura social atual e vivenciadas por inúmeros alunos, fato que propicia a identificação e a motivação para a leitura e percepção das entrelinhas do poema.

Ao analisar a temática e a análise da função emotiva observamos o quanto as relações sociais continuam e mantêm-se autoritárias e conservadoras em meio a uma tentativa de equidade de direitos e de papéis sociais. Elementos que, provavelmente, os aprendizes percebem sem muito esforço e sem grande necessidade de intervenção do professor. A estrutura do poema, em redondilha maior, linguagem coloquial, próxima a um cordel, corrobora com a tradição oral, como pode ser observado em vários versos do poema.

Durante a leitura do poema, é importante que haja a intervenção com vistas à análise das funções comunicativas que imperam no poema. Como seria sua composição se a linguagem utilizada fosse formal? E se a mulher não fosse marginalizada? Se no lugar de uma conversa entre mãe e filhas estivéssemos em outro cenário? Com outros interlocutores? Chamar a atenção dos alunos para essas possibilidades comunicativas permite conscientizá-lo a perceber “e manejar outras situações de comunicação extratexto” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 107), saindo da postura de sujeito dominado para a de dominador.

Ao modificarmos o código, principalmente a pontuação do poema, é possível constatar outras possíveis leituras, uma vez que a utilização das vírgulas regulamenta o

verso e a estrofe, limitando a ação da figura feminina no poema; bem como a estrutura fixa que desencadeia a noção de que o acontecimento narrado é cíclico, assolando a vida e influenciando a existência daquela família por gerações. Ao imaginar e modificar o referente qual seria o veredicto final do poema, quem seria o acusado? O pai? A amante?

essa perspectiva comunicacional, deve dar conta de todos esses elementos em ação no momento em que o livro é lido. Considerando que cada componente desses possui características múltiplas e funções variáveis no tempo e no espaço da vida humana, ter-se-á uma noção da complexidade e da riqueza subjacentes a esse tipo de trabalho escolar, ainda mais que as intersecções desse tipo de ato comunicativo com os de outras espécies, tais como os artísticos ou os do cotidiano relacional, podem englobar, num modelo miniaturizante, todas as formas de sentido que circulam na vida social (Bordini; Aguiar, 1993, p. 109-110).

4.1. Aplicando a proposta

A sugestão é de que a primeira leitura do poema “Caso do vestido” seja feita de forma silenciosa. É provável que uma parte dos aprendizes encontre certa dificuldade para a compreensão de suas entrelinhas, momento em que o docente mediador pode fazer algumas indicações interpretativas. Alargados os horizontes da turma, uma leitura dramatizada acaba por ser bastante interessante e divertida.

É importante que o docente mediador faça intervenções, entrelaçando a leitura do poema ao contexto da sociedade patriarcal brasileira, questionando a turma sobre o papel da figura feminina na estrutura familiar. Nesse sentido, é válido relembrar que, ao longo do tempo, muitas mulheres foram subjugadas, dominadas e cerceadas pela figura masculina e fatos como os ocorridos no poema eram considerados como “normais” pela sociedade. O professor pode, também, estender a discussão e a perspicácia de seus alunos ao, por exemplo, questioná-los sobre como seria o poema se:

- a mulher estivesse fazendo um panfleto para vender o vestido da amante do marido;
- a mulher estivesse fazendo uma denúncia pelos maus-tratos do marido;
- fosse escrita uma notícia para um grande veículo de comunicação, que informasse sobre o abandono do marido e a condição existencial dos filhos;
- a amante subornasse a marido por meio de bilhetes;
- algum escritor resolvesse escrever um conto baseado na triste história;
- o marido resolvesse se fazer de coitado e escrevesse uma carta, pedindo perdão às filhas ou à mulher;
- a mulher resolvesse assassinar o marido e fosse entrevistada por algum canal de comunicação para relatar os motivos; dentre outras possibilidades.

Ao serem questionados, os discentes devem compreender que, com a alteração do emissor, outro gênero textual poderia ser o mais adequado. Ou seja, o gênero escolhido deveria estar em conformidade com a intenção do emissor: informar, comover, convencer, relatar, provocar, entre outras. Os alunos, tendo em vista a função comunicativa de cada gênero textual, perceberiam que a estrutura de acordo com a intencionalidade e a função.

A leitura do poema “Caso do vestido”, embasada pela teoria da comunicação, constitui, dessa forma, atividade que possibilita ao discente observar que, em uma primeira leitura, a função predominante pode ser emotiva, mas que, ao alterar a função e a percepção do poema, há outras possibilidades comunicativas. Tal fato, proporciona uma reflexão sobre os atos comunicativos e sobre a intencionalidade implícitas e explícitas em cada gênero textual utilizado. Essa alternativa educacional propicia ao estudante ser capaz de desvendar mais facilmente a função dos jogos comunicativos presentes em cada gênero veiculado pela sociedade.

É preciso que o professor mediador leve o educando a perceber que não existe texto inocente, ou seja, todo texto tem uma intenção: expressar uma opinião, informar algo, apresentar um assunto, contar uma história. Essa ação se chama intenção comunicativa ou intenção discursiva. De acordo com essa intenção, o enunciador produz um ou outro tipo de texto. Assim, texto é uma manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta – contexto –, com determinada intenção. O que dá sentido a um texto é a combinação destes fatores: o linguístico, o contextual e o intencional.

Os elementos comunicacionais são dispostos para que o remetente consiga por meio de uma motivação interagir com os demais. O trabalho com a linguagem, no sentido de evidenciar as trocas comunicativas e o lado expressivo dos textos, leva o usuário a uma maior consciência sobre o trabalho de produção textual, pois a interação ocorre em qualquer troca comunicacional, seja ela verbal ou não verbal. Fornece aos discentes subsídios para reconhecer, nos diferentes gêneros textuais, as regras de comunicação veiculadas, bem como suas funções e relações com o meio de comunicação social e cultural do qual pertencem.

4.2. Descrevendo a proposta

A presente proposta foi aplicada em duas turmas do Ensino Médio, de escolas públicas, em que o intuito era de se fazer uma revisão dos conteúdos: funções da linguagem, tipos e gêneros textuais. Constatou-se certa dificuldade para a compreensão do poema e, também, que não seria uma mera revisão, visto que alguns alunos não se

lembravam da distinção de tipos e gêneros textuais. No entanto, ressalta-se que a proposta pode ser aplicada nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou cursos de Comunicação e Expressão com o mesmo aproveitamento.

Depois da leitura e da discussão do poema “Caso do vestido”, os aprendizes foram convidados a se organizarem em grupos para produzirem um texto, oral ou escrito, a partir da história relatada. Para a atividade, receberam a instrução de que poderiam permanecer “colados” à história narrada ou poderiam ficar mais livres para criar um outro desfecho qualquer da história, desde que mantendo o diálogo com o texto de Drummond. Com isso, os alunos puderam, mais claramente, perceber que os textos possuem uma função social e se organizam de acordo com a intencionalidade do emissor, que imprime ao texto uma orientação argumentativa. Por meio do diálogo com outros gêneros – como o anúncio, a carta, o testamento, a carta, o bilhete, o panfleto – e a reflexão sobre outras questões como o caráter oral do texto, os diferentes contextos, entre outras questões, tornar-se-á um usuário mais consciente sobre as funções sociais da linguagem, como objetiva os PCNs.

Na fase de compartilhamento das atividades realizadas, antes da apresentação, cada grupo foi questionado sobre o tipo, o gênero textual e a função da linguagem predominantes em cada produção. Com as informações recebidas, o docente mediador foi construindo, na lousa, um quadro com a descrição sintetizada das respectivas produções. No quadro abaixo, a descrição de algumas dessas produções:

Quadro 1 – Descrição das atividades realizadas

Produção	Tipologia textual	Gênero Textual	Função de linguagem
O grupo fez um cartaz de divulgação de um filme “O caso do vestido”.	Dissertação	Cartaz de divulgação	Apelativa (os alunos perceberam que o objetivo principal era convencer os receptores a assistirem ao filme.)
O grupo simulou uma reportagem televisiva, com vídeo exibido durante a aula, com uma entrevista com a mãe explicando o porquê de ter assassinado o marido.	Dissertação Narração	Reportagem Entrevista	Referencial (os alunos perceberam que o objetivo principal era informar aos receptores a motivação da tragédia.)
O grupo escreveu um relato, em 3ª pessoa, abarcando os elementos de uma tragédia ocorrida no início do século XX em uma pequena cidade do interior.	Narração	Conto	Poética (os alunos perceberam que o objetivo era levar o receptor à reflexão sobre tragédias no seio familiar. Para isso, o importante não era o que se dizia , mas como se dizia o acontecido.
O grupo resolveu vender o vestido deixado pela amante.	Descrição	Classificado	Apelativa (os alunos perceberam que a principal intenção era convencer o receptor a comprar o vestido. Para isso, também seria necessário informá-lo corretamente sobre as características do

			vestido, resvalando na função referencial.
O grupo fez um relato oral, a partir do ponto de vista das filhas. Na encenação, houve a ambientação de uma taverna.	Narração	Relato oral	Emotiva (os alunos perceberam que predominava a perspectiva pessoal. Como o ambiente era barulhento, por vezes, percebeu-se a função fática.)
O grupo construiu propagandas para buscar informações do paradeiro do marido.	Dissertação Descrição	Propaganda	Apelativa (os alunos perceberam que a função predominante é a conativa, uma vez que o objetivo é chamar a atenção do leitor, por meio de verbos no imperativo e o uso de linguagem mista).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Durante as apresentações houve interações e discussões sobre as singularidades de cada gênero. Os aprendizes foram bastante receptivos às encenações e aos gêneros orais. Ao final das atividades, percebeu-se que a turma havia aprofundado os conhecimentos acerca do funcionamento dos diferentes tipos de textos que circulam nas esferas sociais.

Como continuidade à sequência de atividades previstas, os alunos podem, ainda, utilizar os gêneros midiáticos – memes, podcast, gif, posts – direcionando a intencionalidade comunicativa para a esfera da função apelativa, com o intuito de influenciarem o receptor a pensar ou a deixar de acreditar em algo. As produções seriam divulgadas em painéis e, por meio dos corredores da escola, influenciariam outras pessoas. Intervenção necessária para enfatizar a importância das produções orais e escritas e sua relação com a vida em sociedade.

A literariedade presente no poema “Caso do Vestido”, de Drummond, e as diversas abordagens, focadas na diversidade dos gêneros textuais, permitiram que temáticas importantes fossem discutidas, proporcionando debates imprescindíveis para que os estudantes possam agir com mais criticidade e reflexividade, além de ampliar seu repertório cultural, ao verificarem as intencionalidades contidas nos textos e o poder persuasivo que exercem nas ações da coletividade.

CONCLUSÃO

Esse tipo de trabalho em sala de aula amplia o conhecimento sobre o jogo comunicativo presente nos mais variados gêneros textuais que circulam diariamente pela sociedade, além de explicitar o fator tendencioso que, muitas vezes, envolve o veículo/canal que o divulgam. Leva o aluno a perceber a necessidade de construir seu texto de acordo com sua intenção, de forma que cumpra a sua função comunicativa.

Um ensino embasado pelas teorias comunicacionais, focado nas funções da linguagem, promove um aprendizado em que os educandos são capazes de compreender textos em diferentes linguagens, observando suas peculiaridades e suas intenções nos processos comunicativos. Nesse sentido, também propicia um trabalho mais efetivo com os gêneros textuais, visto que cada gênero se estrutura de acordo com seus objetivos e suas intencionalidades.

O trabalho com textos, seja leitura ou produção, permite ao professor, a partir da percepção das necessidades dos discentes, a promoção de um ensino menos instrumentalizado e desvestido de artificialidade. Permite que o aluno se torne protagonista em seu processo de aprendizado, capaz de discriminar as diferenças textuais, apreendendo suas particularidades e suas funções, tornando-se apto a se posicionar mais criticamente enquanto sujeito social e histórico diante dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de. Leituras para o 1º grau. Critérios de seleções e sugestões. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Mariana E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3. ed. Brasília: Thesaurus, 1982.

BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação?** São Paulo: Nova Cultura, 1986.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1987. p. 823.

BRONCKART, J-P. **Atividades de linguagens, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução A. R. Machado e P. Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, Ouro sobre azul, 1995. p. 169-191.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22. ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SÃO PAULO. **Secretaria de Educação**. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação; Coordenação geral: Maria Inês Fini; Coordenação de área: Alice Vieira. 2a edição. São PAULO: SE, 2011.

SILVA, J. Q. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1º sem, p. 87-106, 1999.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologia textual e ensino de língua. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia, v. 12, n. 3, jul.-set, p. 1337-1400, 2018.

YUNES, E.; PONDÉ, G. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Título em inglês

COMMUNICATION THEORY AND TEACHING: AN APPROACH TO TRAINING READERS